



Alexandre Fleming
Antropólogo

Um homem de olhos curiosos: janelas para um mundo feito de outros mundos e de matizes vivas

O encontro não poderia ser em outro lugar. Em meio a inúmeras pilhas de revistas *Entrevista*, mais uma vida começaria a ser desvendada dentre tantas que já estavam naquele redor. Era uma tarde de outubro e, como num ato antropofágico, os olhos azuis curiosos do nosso entrevistado guiaram para uma alma inquieta e, ao mesmo tempo, hipnotizante.

Alexandre Fleming Câmara Vale traduz no nome forte a personalidade provocadora e intensa de um homem feito por desafios. O começo da história "não deu trabalho" à mãe, dona Maria Olímpia. O caçula de cinco irmãos, ao nascer, carregou os olhos e a última esperança do pai, doutor Vale, de ter um filho médico. Aos 41 anos, o que Alexandre traz da esperança é uma vida longe do fim e de ser esquecida. Este Fleming, ao contrário do homônimo, deixa marcas difíceis de cicatrizar.

O homem reticente e, ao mesmo tempo, de palavras calculadas desta entrevista, exala antagonismos. A quase perfeição, encontrada logo na aparência, lembra esculturas renascentistas e impressiona quando se dilui no resto e se excede nas respostas, revelando um supereu "muito rigoroso". Alexandre também tem suas marcas.

Na infância, as lembranças do menino "carrapeta" surgem com Cacá, prima e companheira inseparável. Já as do menino introspectivo ficaram nas pegadas na areia já levadas pelo mar e nas páginas dos diários escritos, desde os 12 anos de idade, ainda guardados. Na adolescência, o esporte aparece como "ordem médica e norma familiar", e faz muitas das marcas dele. A principal delas, ele leva até hoje: a disciplina. Mas, em "Major", como era chamado carinhosamente pelo pai, não vem carrancuda, pois é acompanhante da paixão de quem vive intensamente tudo que faz.

A dedicação o fez chegar, naquela época, à Seleção Cearense de Voleibol. Mas Alexandre sentia que sua alma era maior do que tudo aquilo. Acreditando nas palavras do poeta, fez valer a pena a aventura de um bar que ficou no "vermelho", mas trouxe o achado de uma vida inteira: o "grande encantamento" pelas Ciências Sociais.

Através do olhar ora cândido, ora voraz, torna-se compreensível que para um ser tão "humano" é difícil querer ser a mesma pessoa o tempo todo e, às vezes, isso é a melhor defesa para as interpretações selvagens. O temido "*streak-tease* psíquico sedutor" aconteceu naturalmente ao longo daquela

tarde por quem nem sempre parecia estar à vontade. O homem tímido e vaidoso encanta quando ensina, de maneira despretensiosa, que o mais complicado ainda é fugir da própria natureza, a dele: ser antropólogo, em cada palavra, olhar, gesto...

As doses de amor e respeito colocadas em cada fala sobre a vida acadêmica deixam a certeza, antes mesmo de sair dos lábios dele, que Alexandre "nasceu para isso", a "praia" dele é essa. Mas até chegar a terra firme da Antropologia, ele teve de passar por muitas "ondas". Primeiro, "se desfazer da obrigação" que o nome Alexandre Fleming carrega. Como em um de seus trabalhos, teve de ficar alheio a tudo ao seu redor e conhecer verdadeiramente o "outro" que estava dentro de si. Foi necessário deixar transpirar o homem desafiado por insatisfações.

Alexandre se torna grande. Nas Ciências Sociais, o horizonte de cores opacas, ganhou matizes vivas com as possibilidades de compreender o "outro" nos trabalhos de campo e na sala de aula. Os olhos cintilam e projetam "paixão" quando vão nos rumos das temáticas de gênero e sexualidade, vistos como "tortuosos" por muitos da Academia. Ele é um mundo feito de outros mundos.

Os caminhos são feitos por quem vai trilhar. Assim, ele o fez. Ao nos transportar para as realidades dos terreiros, do "escurinho" do Cine Jangada no Centro de Fortaleza ou do Bois de Boulogne na França, trouxe à tona narrativas preocupadas de quem foi além do caricatural e das "bizarrices". Experiências densas, sofridas, algumas impensadas que, por vezes, chegaram a ser uma "descida ao inferno", mas serviram de aprendizados para o pesquisador e de lições de vida para nós.

Em pouco mais de duas horas, os "palavrões" acadêmicos incrustados na maioria das respostas confirmam um Alexandre que não dissocia o homem do antropólogo. Na voz hesitante e segura, as palavras vinham com emoção e amplitude. Latejavam na alma... Um silêncio com palavras em que o nosso entrevistado escutava a si mesmo e nos fazia mergulhar e compreender as diferenças de um "outro" que já não o é mais. Não há dúvida de que aqueles olhos são "janelas" de uma vida fascinante e intensa, agora marcada nas páginas que se seguem. Uma vida em demasia...

Equipe de Produção:

Gabriela Alves
Hébely Rebouças
Lorena da Silva.

Entrevistadores:

André Gurjão
Bruno Pontes
Caroline Domingues
Diana Vasconcelos
Gabriela Alves,
Hébely Rebouças
Lorena Silva
Rafael de Oliveira
Rodolfo Oliveira

Texto de abertura:

Gabriela Alves

Fotografia:

Caroline Domingues

Entrevista com Alexandre Fleming Câmara Vale, dia 25/10/07.

Gabriela – Alexandre, a gente sabe que o filho caçula é, geralmente, o mais mimado pelos pais e o rejeitado pelos irmãos mais velhos. Como foi no seu caso, já que você é o mais novo de cinco irmãos?

Alexandre – Não, acho que eu continuo muito querido na minha família. Mas a minha trajetória familiar não é uma trajetória muito... Vamos dizer assim, como as trajetórias que se tem, porque eu saí de casa muito cedo, dos 17 pra 18 anos. Foi uma saída porque eu queria. Tinha algumas desavenças com meu irmão, talvez por eu ser o caçula e por ser muito querido pelo meu pai, e meu irmão ter alguns problemas com ele. Era uma relação que passou por altos e baixos. Mas hoje eu não sinto muito a idéia dessas rejeições por parte da minha família, não.

Gabriela – Mas a gente não quis dizer que no seu caso houve rejeição, a gente só quer saber como era ser o caçula da família quando criança...

Alexandre – ...Olha, era tranquilo. Realmente, um pouco mimado, mas muito querido pelo meu pai e pela minha mãe. Uma atenção muito especial também, porque na adolescência eu era um menino meio triste, tinha umas tristezas... Mas era uma família muito afetuosa. Meu pai nunca me bateu, minha mãe nunca me bateu. Nunca teve punições que fossem "barra pesada". Tranquilo, nesse ponto aí...

Hébely – Conversando com pessoas próximas, a gente descobriu que você era conhecido como o "carrapeta". Quais as recordações mais marcantes que você tem dessa fase da infância?

Alexandre – Ah, brincava muito, viajava para passar férias no Icaraí (*praia no município de Caucaia, na Região Metropolitana de Fortaleza*), pegar siri, pegar piaba na beira do mar... Eu tenho uma imagem minha também um pouco solitária, eu andando na beira da água, pegando piaba. Eu tinha improvisado um método que você jogava a piaba para fora (*Alexandre faz os gestos, jogando os braços para frente*). Eu saía todo ralado, mas enchia uma cacimbinha de piaba. Depois a água vinha, levava as piabas. Acho que eu tenho muito essa lembrança da época das férias. E danação, danação, teve uma vez que eu e uma prima, a gente desenhou umas

imagens pornográficas e jogou na vizinhança da casa de praia que a gente não gostava muito. Eu me lembro de ter tido um castigo mais sério nesse momento. É, era danado mesmo, mas danações não muito espantosas. Era tranquilo.

Depois, eu me tornei muito disciplinado porque eu entrei no vôlei. Com 13 anos, eu entrei no esporte, era uma espécie de "ordem médica", (*em referência a*) aquele livro, do Jurandir Freire Costa (*psicanalista pernambucano nascido em 1944, autor de mais de 10 livros sobre Psicanálise*). Depois foi muito interessante fazer a leitura desse livro, "Ordem médica e norma familiar" (Rio de Janeiro, Graal, 1983), porque eu vi como o esporte tem coisas muito interessantes e positivas, mas também sempre foi o braço direito do Estado, nesta "docilização dos corpos", da sexualidade. Mas, enfim, (eu) era assim: disciplinado no esporte, estudava normalmente...

Caroline – Alexandre, você tem uma prima chamada Cláudia, que foi uma grande parceira na sua infância. Vocês chegaram, inclusive, a ganhar um apelido: eram o Roberval Taylor (*radialista personagem do humorista cearense Chico Anísio*) e o Waldick Soriano (*cantor e compositor cearense, ícone da música classificada como brega*). Como é que surgiu esse apelido?

Alexandre – Não me lembro... Eu sei que a gente se danava muito junto. A gente era muito próximo, tinha trajetórias muito próximas. Ela era do basquete, eu do vôlei. E Cacá (*a prima*) era uma pessoa muito querida, realmente. É (*enfático*) uma pessoa muito querida. Eu sou compadre, sou padrinho da filha dela, como também sou padrinho do filho da minha irmã. Era uma relação muito afetuosa, a gente cresceu junto. Porque a gente é primo carnal. O pai dela é irmão do meu pai e a mãe dela é irmã da minha mãe. A gente tem praticamente o mesmo sobrenome.

Caroline – Mas o engraçado é que você se aproximou mais dela do que até dos seus próprios irmãos. O que, especificamente, fez com que vocês ficassem mais próximos?

Alexandre – Talvez a proximidade da idade. Um ano de diferença, só. As famílias viam sempre juntas, minha irmã já era quatro anos mais velha, meu irmão já era bem mais

Na escolha dos entrevistados, Alexandre foi defendido por Rodolfo e acabou sendo o terceiro mais votado pela turma, junto com o governador Cid Gomes.

O primeiro contato que a equipe de produção teve com Alexandre foi após uma das aulas dele, nas Ciências Sociais. Ele disse se sentir lisonjeado por ter sido um dos escolhidos.

Ele pensou que a entrevista seria naquele momento. Depois de esclarecermos a proposta, ele disponibilizou todos os contatos, mas disse temer fazer um "strep-tease psíquico sedutor".

A equipe de produção também levou alguns exemplares da Revista Entrevista. Entre elas, havia, estrategicamente, a Entrevista com a professora Peregrina Capelo, amiga de Alexandre.

A equipe de produção saiu "encantada" com Alexandre depois do primeiro encontro. Nenhuma das três meninas o conhecia ou havia sido aluna dele.

Hébely ficou impressionada com a cor dos olhos dele, que são muito azuis. Ela achava que ele usava lentes de contato, mas Gabi e Lorena tinham certeza de que eram naturais.

velho... Eu acho que também por conta das afinidades: ela gosta de esporte, eu gosto de esporte.

Rafael – E aí, mais ou menos aos 13 anos, foi um momento em que vocês começaram a se separar. E você mesmo disse agora que era um garoto meio triste. Como foi essa separação? Vocês eram muito unidos e, de repente, se afastaram?

Alexandre – Não, não teve uma "ruptura" assim, não. Foi mais uma consequência mesma do momento. Ela amadureceu mais cedo, efetivamente, no sentido de começar a namorar. Ela foi anterior a mim. Então, teve aqueles ciúmes mesmos. Uma diferença que se coloca: (*imitando a prima falando*) "Ah, eu tenho namorado". Aquela coisa do inusitado, do início da experiência afetiva, amorosa. Mas não teve nenhum grande drama nesse sentido, não. Foi um distanciamento que aconteceu por conta da vida mesma.

André – A Cláudia contou pra gente um caso muito interessante de um cachorro que vocês tinham, o Duque. E vocês ensinaram o Duque a pegar os pacotes de bala no supermercado. Como foi o dia em que vocês foram pegos?

Alexandre – O Duque entrava no supermercado, abocanhava um saco de bombom e saía. E a gente deixava, né? Um dia, o cachorro foi pego e ninguém teve coragem de tirar da boca dele o saco de bombom. Era "Jumbo" (*antigo nome do supermercado Pão de Açúcar, presente em nove estados brasileiros*) na época, ali perto da 13 de Maio (*avenida*). Era muito engraçado, porque o Duque era um dálmata grande, então uma abocanhada dele seria uma coisa meio complicada. A gente se danava muito, realmente.

Na frente de onde eu morava, na 13 de Maio, tinha uma praça, era um lugar muito bonito, a praça Argentina Castello Branco (*situada no Bairro de Fátima, em Fortaleza*). Tinha muita diversão, o pessoal se conhecia, a vizinhança era tranqüila. Eu era um menino

"Eu sou uma pessoa muito empenhada. (...) Treinava pra ser da seleção brasileira. (...) Treinava três ou quatro vezes mais do que era pedido."

Alexandre trocava e-mails quase diariamente com a equipe de produção. Em um deles, colocou até o que havia comido no almoço: "frango na chapa e salada de legumes".

Nos contatos posteriores com a produção, Alexandre confessou estar resistente à entrevista e até sugeriu responder algumas perguntas por e-mail para "agilizar".

muito arengueiro, gostava muito de implicar. Por exemplo, eu tenho uma irmã mais velha, a Lorena, que você consegue deixá-la nervosa facilmente. Ela tem horror a quem come feio do lado dela. Então, eu ficava do lado assim mastigando (*imitando a mastigação*) até que ela tivesse uma reação mais nervosa.

Uma vez, também com minha outra irmã, estavam cavando uns esgotos na rua. E aí, nessas brincadeiras tinham umas pedrinhas de areia que você jogava, não machucava, mas era areia, né? Aí eu fazia umas coisas com ela (*jogava areia*) e saía correndo. Uma vez, fui correr e quando eu me virei, era um muro, sabe? Eu "lasquei" a testa, levei ponto. Em toda festa, eu conseguia cair e levar ponto. O papai que ia depois costurar. Levei ponto aqui (*aponta para a testa*) duas vezes, aqui (*aponta para o região do lábio superior*) uma vez e aqui (*aponta para o queixo*) duas vezes. Toda vez eu caía, tinha uma parte da festa que acontecia umas coisas assim.

Diana – Dos 13 aos 17 anos, você foi jogador de vôlei. Conta pra gente como foi essa trajetória. Você disse na pré-entrevista que se tornou uma pessoa mais disciplinada. Como era essa dedicação ao esporte?

Alexandre – Ah, exclusiva quase. Era estudo e esporte, pronto. Porque tinha um lugar muito preciso na minha vida, a experiência do esporte. (*pausa*) Era uma espécie de ordem médica. Eu sou uma pessoa muito empenhada quando eu faço as coisas e muito perfeccionista, muito detalhista. Até brincando com as meninas (*da equipe de produção*), eu disse: "A gente não pode escrever a entrevista todinha? Vocês podem mandar as perguntas pra eu responder?".

Mas a dedicação era realmente assim: eu treinava pra ser da seleção brasileira, a "viagem" era essa mesma. Eu gostava muito, e fiz bons amigos no vôlei. Viajei muito, ganhei bolsa por conta do esporte. Treinava três ou quatro vezes mais do que era pedido. Todo tempo que eu tinha livre, eu colocava um elástico e ficava pulando.

Tinha um amigo que era tão obsessivo quanto eu, disciplinado. Antes do treino, a gente ia pra uma favela que tinha um morro, lá perto da Praia do Futuro, a Favela da Muriçoca (*a equipe de produção constatou, por meio de pesquisa no site da Prefeitura de Fortaleza, que essa favela está situada no bairro Antônio Bezerra*), e ficava subindo e descendo o morro, dois idiotas, sobe e desce. Ou então, na sexta-feira à noite – era uma época em que no vôlei tinha aparecido aquele "peixinho" (*é quando o jogador atira-se no ar, como se estivesse mergulhando, para recuperar a bola, terminando o movimento sobre o próprio abdômen*) – o povo chegando

no BNB Clube para as festas e o Ricardo lá na ponta e eu com a bola aqui (*grita*): “Vem!”. Aí ele vinha, se jogava no chão (*para recuperar a bola*). A gente molhava as camisas pra poder deslizar, sabe? Isso à noite, o pessoal vindo pra festa e a gente saindo todo quebrado do treinamento.

Não bebia, porque era muita disciplina. Eu era muito animado pra ser convocado pra seleção cearense, para os JEBs (*Jogos Escolares Brasileiros*), viajar pra jogar... Minha geração deu bons atletas, tipo o Carlão, que foi capitão da seleção brasileira (*de 1989 a 1999*), o Roberto Lopes (*atleta com 15 medalhas de ouro no Circuito Mundial de Vôlei de Praia*), o Franco (*tetracampeão brasileiro de vôlei de praia e dono do maior número de títulos no Circuito Banco do Brasil de Vôlei de Praia*). A gente era muito disciplinado, muito entusiasmado.

Depois teve de “papocar” tudo isso, teve de desconstruir todo esse “bom mocismo”, toda essa história dessa ordenação. Mas era um momento muito estimulante. Pular... Os centímetros eram contados, o cálculo, o corpo domado no esporte. “Ah, só perdia pro Roberto Lopes” (*se referindo à impulsão*), ele pulava 87cm, eu pulava 84cm. Essas coisas mesmas do esporte, da competição, do treinamento. Eu era muito feliz também, porque eu viajei muito, ganhei bolsa, fui ficando mais independente.

E a experiência da disciplina, se você pensar em termos foucaultianos (*referindo-se ao filósofo francês Paul Michel Foucault, autor de várias obras que tratam do tema do poder, loucura e sexualidade*) é “barra pesada”, mas se você pensar um pouco “pós-disciplinar”, ela é também muito libertária, porque depois essa disciplina vai ser aproveitada no preparo das aulas. Ela vai, por exemplo, pra manter uma atividade física, pra uma série de coisas. Não é necessariamente só panóptica (*no livro Vigiar e Punir, Foucault cita o panóptico de Jeremy Bentham, que é uma composição arquitetônica de cunho coercitivo e disciplinatório*), é uma coisa também que tem uma dimensão muito feliz. É possível ser esportivo, né?

Lorena – Alexandre, pegando esse gancho do vôlei, com tantos anos de dedicação, boas fases, você chegou, inclusive, a ser campeão brasileiro da segunda divisão. Por que você não seguiu adiante?

Alexandre – Porque é uma lógica perversa. É quase darwinista (*referindo-se ao cientista inglês do século XIX, Charles Darwin, criador da teoria evolucionista*) o esporte, principalmente o vôlei. É uma seleção natural. Se eu tivesse, graças a Deus que eu não tinha, 1,93m ou 1,94m, com aquela dedicação toda,

com aquela impulsão toda... Eu acredito que não aconteceu porque eu não cumpria esses pré-requisitos. E eu não sei se a idealização era realmente chegar à seleção brasileira.

Depois, eu viajei e engordei e, quando voltei, não fui mais pro vôlei. É uma experiência muito cruel, quando você imagina isso na lógica da competitividade, da experiência do rendimento, da eficácia. Pior ainda hoje em dia, porque tem a lógica do estrelato, das vedetes, do “passe” que é vendido.

Na época que eu entrei nas Ciências Sociais, o primeiro objeto de estudo que eu quis foi “Corpo, sexualidade e poder nas quadras de vôlei”. Mas como eu estudava muita Filosofia, tinha um professor, ou professora, não me lembro, que dizia: “Mas você, um cara que gosta tanto de Filosofia, lê tanto...”. Porque eu era muito dedicado, né? Aí eu mudei de temática. Eu não fiz a monografia que eu gostaria de ter feito sobre essa experiência. Eu acho interessantíssimo o “jogo como metáfora” da própria experiência social. A metáfora do jogo é usada por vários autores, como Baudrillard (*Jean Baudrillard, filósofo e sociólogo francês nascido em 1924 e falecido em 2007. Era crítico da chamada “sociedade de consumo”*), Bourdieu (*Pierre Bourdieu, sociólogo francês nascido em 1930 e falecido em 2002. Foi um crítico contundente da mídia e da sociedade capitalista*). Mas não desenvolvi esse trabalho. Depois, um rapaz que eu conheci na graduação quis fazer e eu fiquei todo animado pra contribuir, mas acho que ele desistiu também. Mas acho que tem toda a possibilidade de (*se*) escrever sobre o voleibol na cidade, o Clube do Vôlei (*academia criada em 1983, localizada no bairro Dionísio Torres, em Fortaleza*), acho um registro interessante. Claro que com essa crítica do esporte, da razão esportiva, da eficácia do rendimento, das crueldades desse lugar do esporte como escola de docilidade.

André – Nesse tempo que você viveu no vôlei, parte dele foi no Colégio Cearense. E você chegou a confirmar aqui que era um garoto solidário e tímido...

“É quase darwinista o esporte, (...) é uma seleção natural. (...) Uma experiência muito cruel, (...) na lógica da competitividade, da eficácia.”

Ele demonstrou ser uma pessoa muito dedicada e perfeccionista com o que se propõe a fazer, sempre dando opiniões sobre como poderia ser a entrevista.

No processo de produção, houve vários desencontros com Alexandre. Para piorar, o celular dele nunca estava ligado, dificultando o contato.

Ele chegou a confessar que não gostava muito de telefone celular. Disse que só tinha porque havia ganhado de presente de um amigo.

Em todos os encontros, ele estava com uma lata de coca-cola “zero”, tomando um gole de vez em quando. Ele diz que é estratégia, já que, depois de 15 anos, parou de fumar.

A equipe de produção conversou com a mãe de Alexandre, dona Maria Olímpia, na casa dela. Ela contou que o filho sempre foi muito sossegado: "Não deu trabalho nem na hora de nascer".

Ela também revelou que o filho é muito vaidoso. Quando pode, vai à academia duas vezes por dia e, às vezes, deixa de visitá-la para não cair nas tentações que encontra na geladeira.

Alexandre – ... É, tinha uma timidez muito grande...

André – Nessa época foi que você, de acordo com dona Olímpia, sua mãe, começou a escrever poesias. O que lhe fez guardar esses textos, essas poesias pra si?

Alexandre – O que me fez guardar? É, estão todas lá, são agendas que eu escrevia e gostava de escrever, era um momento muito interessante. Mas são inquietações, interpelações que eu fazia a mim mesmo, projetos, tentativas de rimas... Eu gostava dessa atividade, achava legal.

Hébely – Era uma marca do garoto solitário?

Alexandre – É, era uma marca de uma certa introspecção, uma certa timidez... (pausa). E também porque eu gostava, né?

Gabriela – Mas esse garoto solitário, você não deixava transparecer?

Alexandre – (Pausa) Acho que sim... Por conta da timidez. Teve uma época, quando eu comecei no esporte, em que eu tive uma espécie de pequena depressão, sabe? Aí meu pai era médico e me levou a um médico amigo dele. Eu não me sentia à vontade pra falar nada. Por isso que eu falei da idéia da "ordem médica e norma familiar". Mas, enfim, não é que eu fosse um garoto triste e solitário, pelo contrário, era uma atividade (o vôlei) muito intensa, mas tinha uns momentos assim. Sem nenhuma patologização de mim mesmo. Enfim, tinham momentos introspectivos, momentos de escrever, de redigir coisas. Nos Estados Unidos, como não foi uma experiência muito feliz, foi um momento que eu redigi muita coisa.

Rodolfo – Falando nessa época nos Estados Unidos, que você foi com 18 anos de idade... Conta um pouco como foi a experiência.

Alexandre – Primeiro eu tenho que dizer que eu fui pra Carolina do Sul (estado localizado na região sudeste dos Estados Unidos), né?

Hébely – Deixe-me só te perguntar uma coisa antes: foi uma escolha sua ir fazer essa viagem pros Estados Unidos?

Alexandre – Ah foi, foi por causa do Inglês. Especificamente por causa do Inglês. Porque uma das vantagens de ser da classe

média é que, em Fortaleza, tinha essa prática de mandar os filhos pro exterior. Era realmente uma coisa que eu queria. Eu tinha feito Ibeu (Instituto Brasil - Estados Unidos, cinquentenária escola de idiomas), já tinha terminado. Inclusive, tinha tido uma bolsa e fiz meu curso todinho com a bolsa, mas eu tinha que mantê-la com uma certa média de notas. E mantive, gostava muito de estudar inglês.

A experiência pra lá era toda aquela mitologia de que você só aprenderia no lugar, o que não chega a ser uma mentira, mas se aprende um bom Inglês aqui também. Mas tinha de ir, já que fazia parte do que se falava como necessário na época. Eu já fui quando tinha terminado o curso. E era um arranjo, não eram aquelas bolsas, (como) a Fellowship (programa de intercâmbio internacional e cultural)... Papai conhecia muito estrangeiro, era um arranjo com o Mr. Heilay, pra ele arrumar uma pessoa pra eu ficar lá. O apelido dele era "Fluffy", que é "fofinho", em Inglês. Ele era uma pessoa gentilíssima e arrumou uma senhora, a tal da Mrs. Guidera. Tudo meio conturbado.

Na primeira semana, ela senta comigo e diz: "Olha você tá aqui, mas eu quero dizer que é um momento muito difícil pra mim. Tentei arrumar outra casa pra você, não consegui". Em outras palavras, (ela disse): "Você é um abacaxi". E disse pra eu ir tentando arrumar outra casa pra ficar. Eu tímido, como é que eu ia encontrar casa pra ficar? A língua, Carolina do Sul, uma cidade perdida no sul (especificamente, no sudeste) dos Estados Unidos...

E a Ms Guidera... Realmente "o santo da gente não bateu muito". Talvez por eu ser muito bagunceiro, alguma coisa nessa ordem. Mas era incrível, todo dia ela tinha uma queixa de mim. Era impressionante. Eu dizia: "Porra, não tem um dia que essa mulher não tenha uma queixa de mim". Então, eu entrava no carro – ela era uma americana bem típica – aí ela falava assim (prepara a voz) "Humrum Hurum" (e diz) "Alexander". Aí eu pensava: "Pronto, vai começar" (risos). Não dava certo. O cara (marido dela), não, o cara era gente boa, era um espanhol.

Dona Maria Olímpia diz que Alexandre é um ótimo filho: "Já arranjou personal trainer para mim, me colocou na hidroginástica. Ele entra comigo, e depois que começo, ele sai. É uma estratégia".

Durante a reunião de pauta, quando se falou sobre a pesquisa de Alexandre nas religiões de transe, a luz da sala oscilou. A turma se assustou com o "sinal do além", mas logo veio a gargalhada.



Aí depois, uma amiga professora... (*interrompe o raciocínio*) Porque eu não me dei muito com o pessoal da minha idade, sabe? Não "batia". Eu ia pra aula de walkman, ficava nos corredores. O diretor dizia: "Olha, você não pode andar de walkman aqui na escola, você veio pra se integrar". Mas é porque eu achava as coisas tolas, às vezes. Eu não me adaptei lá, se você quiser usar essa palavra. Porque, na época no Ibeu, tinha as fases da adaptação, então ou você se adaptava ou não se adaptava. Aí essa minha amiga professora arrumou essa outra mulher pra eu ir morar. Só que a casa dela era fora da cidade, entrava numa piçarra. Era uma "mobile home" (*casa móvel, na tradução para o português*), aquelas casas que você parte no meio, que quando você vai se mudar, você carrega. Eu disse: "Porra, eu vim lá do Ceará pra me embrenhar no meio dessa mata?".

Aí eu fui falar com a Mrs Guidera, fui contar que eu tinha ido conhecer a casa dessa pessoa que tinha feito a proposta de me receber. A Mrs Guidera saiu com uma pérola, numa felicidade enorme: "Finalmente você encontrou uma casa. Finally you've found yourself a home". Aí eu disse: "Pronto, exatamente, eu vou amanhã!" Aí eu corri, liguei pra minha amiga e perguntei: "Tu já disse alguma coisa?" (sobre o fato de ele não ter gostado da casa "no meio da mata"). Ela disse que não, aí eu: "Pois não diga nada, que eu vou!".

Então, eu fui pra casa dessa mulher, foi muito agradável. Era uma pessoa muito legal, uma pessoa jovem, coreógrafa na escola. Eu também fui muito... Não sei se é uma coisa pra dizer, mas eu não tô dizendo o nome dela, né? Mas é porque eu fiquei muito cúmplice dela. Ela tinha um amante da minha idade... Ela passeava (*com o amante*) e dizia: "Eu tenho de levar o Alexandre pra sair, porque ele tá muito em casa". Aí ela pegava o amante dela, me deixava no shopping, depois voltava. Ela tinha um carrão vermelho, parecia uma Ferrari... (*Ela*) Chegava no espelho, secando os cabelos, e dizia assim: "Guy, I'm so fresh, I'm so gorgeous" (*traduzindo pelo contexto: "Cara, estou tão leve, tão maravilhosa"*) - (risos). O marido chegava e ela morta de feliz. E assim ficou, porque ela era muito afetuosa comigo. O marido dela também não era uma pessoa distante. Então, eu achei legal por ter tido uma posição de cúmplice dela. Achei interessante!

Hébely – Aí você volta pra casa depois de um período de mais ou menos sete, oito meses. E, de repente, resolve sair de casa. Sua mãe disse que você sempre foi uma pessoa muito independente. Essa saída de casa foi a busca pela afirmação dessa independência?

Alexandre – É. A saída eu achava interessante porque, quando eu tava lá (*nos Estados Unidos*), eu via as pessoas saindo de casa cedo, né? Eu achava interessante. E havia o pressentimento de que, talvez, em determinado momento, eu fosse ter problemas com a minha família. Mas, em todo caso, foi muito mais um certo entusiasmo, porque nesse meio tempo eu tive um bar. O nome do bar era Maestra, uma homenagem à Sierra Maestra (*onde foram liderados combates por Fidel Castro e Che Guevara, em Cuba*), à Revolução Cubana. Tinha o Che Guevara pintado lá na parte de trás do bar. Então, eu tava convivendo com um outro pessoal, um pessoal já mais engajado, o pessoal da História, o pessoal das Ciências Sociais. Apesar de que, na época, eu não fazia faculdade, eu tinha trancado por causa desse bar.

Caroline – Como é que você conheceu essas pessoas com quem você teve contato pra construir esse bar, já que você era um menino tão tímido?

Alexandre – Não. Mas eu já não era tão tímido, não. Foi só uma fase. Depois, era um menino danado. Nas saídas, na noite, fui conhecendo o pessoal. Esse bar tinha quatro sócios. Era eu, o Paulo Miranda, o Ricardo e o Sarto (*os dois últimos são amigos da época do vôlei*). E também uma pessoa muito importante que eu conheci, nessa época do bar, era uma socióloga, uma mulher muito bonita, muito interessante que era Neila Mendes. E eu acho que a minha entrada nas Ciências Sociais se dá pela interpelação que eu tive com esse pessoal da História. Do lugar, da ideologia burguesa, da classe média, de um lugar hegemônico. Mas, fundamentalmente, por causa da admiração que eu passei a ter por Neila e pela idéia de traduzir as coisas do mundo numa linguagem mais sócio-antropológica. Ela era uma mulher interessante, era carioca, tinha vindo do Rio, era negra. Trabalhava com crianças no Pirambu (*bairro da periferia de Fortaleza*) junto a uma associação que era a Médicin du Monde, Médicos do Mundo (*Associação francesa fundada em 1980, que desenvolve projetos na área de saúde em mais de 88 países, buscando promover o "bem-estar físico, psíquico e social" da população*). E era professora de Francês, uma pessoa muito cultivada. E esse contato foi um encontro muito privilegiado na minha vida. Tanto ela como o Paulo Miranda, que era historiador.

André – Alexandre, você nutre um carinho muito especial pelos seus pais. Como foi acompanhar, nessa volta que você faz a Fortaleza, os últimos momentos do seu pai no hospital?

Na mesma reunião, o professor Ronaldo Salgado distribuiu balas de gengibre para a turma. Depois, precisou comprar duas garrafas de água para as "gargantas ardentes".

Durante a pré-entrevista, quando a equipe fazia alguma pergunta íntima, Alexandre arregalava os enormes olhos azuis, demonstrando que estava assustado. Acabava nos assustando.

A conversa com Alexandre aconteceu em uma das salas das Ciências Sociais. O papo fluiu tão bem que o que estava previsto para 30 minutos, levou 1 hora e 14 minutos.

Na oportunidade, ele deixou a equipe de produção impressionada com a pronúncia invejável do Francês. Hébelly só faltou chorar para ele falar mais algumas palavras.

Ele também disse que "tem talento com as línguas", provocando risos nas meninas da produção. Foi, inclusive, professor de Inglês do Ibeu.

A escolha do local para a entrevista foi uma "novela". Decidimos faltado apenas dois dias para a realização. Pensamos em bares, barraca de praia...

A entrevista ocorreu na sala do professor Ronaldo e do professor Gilmar de Carvalho. Lugar agradável e com o clima do projeto, já que é rodeado por pilhas de revistas Entrevista.

O depoimento de Daniele, irmã de Alexandre que mora na França, chegou em cima da hora, faltando pouco tempo para a entrega do material de produção aos entrevistados.

Alexandre – Foi superdifícil, porque o papai finalizou de uma forma muito difícil a vida dele. A experiência com meu pai foi muito solidária. Realmente, não é porque eu seja bom moço, não, mas eu tenho muito reconhecimento pelo bem que ele tinha por mim. As expectativas que ele criou eu tive que depois me desfazer de muitas delas.

Caroline Domingues – Como assim? Que expectativas ele criou?

Alexandre – Por exemplo, ele me batizou com o nome de Alexandre Fleming (*Alexander Fleming, médico e bacteriologista escocês que descobriu a penicilina, em 1928*). Na época que a mamãe ficou grávida, ele quase morre e só foi salvo por conta da penicilina. Aí, como eu era a última esperança de ele ter um filho médico, eu já nasci com esse destino. E eu investi também nisso. Até 13, 14 anos, eu disse que ia realmente seguir Medicina. Hoje em dia, por exemplo, quando eu me vejo trabalhando com pessoas da saúde, eu me pergunto se eu não seria um médico. Eu acho que eu teria sido um bom médico. Mas eu digo "trabalhando com pessoas da saúde" porque eu já trabalhei em formação de profissionais de saúde do Cemja (*Centro de Especializações Médicas José de Alencar, unidade de atendimento médico mantida pela Prefeitura, localizada no Centro de Fortaleza*). A minha pesquisa de Doutorado tem a ver com associações, com a discussão HIV/Aids. Já trabalhei em cursos de Enfermagem, especialização com profissionais de saúde.

É uma área que eu gosto muito e que me faz muito bem quando eu posso levar uma reflexão da Antropologia, porque tem uma espécie de resposta ao meu pai. Uma vez, ele me perguntou: "Mas que diabo é que faz essa Antropologia? O que você vai fazer com isso?". Não é nenhuma resposta ressentida não, entende? Nem um acerto de contas, eu acho que já fiz todos. Mas no sentido de falar dos efeitos de miséria dos saberes positivos, do saber médico, saber psiquiátrico. E o lado sombrio das manipulações, das relações de poder implícitas na experiência da medicalização, da patologização da vida, do saber médico como saber último sobre a vida e a morte.

Caroline Domingues – E o que, afinal, te fascinou na Antropologia?

Alexandre – Eu fiquei afetivamente muito tocado nessa relação com Neila (*Mendes*). As interpelações, por exemplo, desse meu amigo que era historiador (*Paulo Miranda*), tinham sido muito úteis, muito interessantes. Acho que, intuitivamente, era pensar a possibilidade de fazer a crítica da Ciência, da Cultura, da Ideologia. Acho que foi isso que me encantou. Um encantamento muito grande.

Gabriela – Mas, antes das Ciências Sociais, você prestou vestibular pra Administração. Por que essa escolha?

Alexandre – Eu imaginava um mercado de trabalho. Minha idéia era de um rapaz de classe média. Era fazer Administração, era ver como eu me colocaria no mercado. Mas não me dei bem, não. Tranquei. Não foi uma coisa que me seduziu, que me encantou. Depois, esse encantamento com a Antropologia não, com as Ciências Sociais, foi meio definitivo. Realmente, é uma coisa que eu disse: "É isso aqui. A minha praia vai ser essa".

Hébely – Você fala que viajar para o exterior é um das poucas coisas boas da classe média. Isso foi uma crítica que você fez à sua condição de pertencer à classe média, à alguma coisa que te incomodava ou te incomoda ainda hoje?

Alexandre – Olha, me incomodar não incomoda, não. Mas tem aquela coisa da família brasileira, dessas reivindicações da mania geral da fidalguia. A família é aquele lugar que ainda mantém uma experiência, vamos dizer assim, não individualista, hierárquica, das solidariedades, onde o todo se sobrepõe às partes. Então, esse lado da hierarquia, dos controles, às vezes, é meio "pesado". Tem uma frase muito engraçada que eu gosto muito, de uma amiga minha, que diz assim: "Família, ainda bem que a gente só tem uma. Porque família, cobriu, vira circo; fechou, vira hospício; abriu, vira caso de polícia." (*risos da turma*) Não é que eu seja uma pessoa antifamília, não. Eu gosto, sabe? Eu acho que eu sou até família demais.

André – Alexandre, não é levando a mal o seu lado mais intelectual, mas eu gosto muito do seu lado emocional. Me atrai bastante. A dona Maria Olímpia falou que, na missa de sétimo dia do seu pai, você escreveu uma carta. O que dizia essa carta?

Alexandre – Olha, a referência é muito bonita que tenho dele, porque ele era um cara kardecista (*adepto da Doutrina Espírita criada pelo professor, pedagogo e escritor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, 1804-1869*), muito inteligente, autodidata... Um cara que se jogou lá do Crateús (*município localizado na região oeste do Ceará, a 354 quilômetros de Fortaleza*) pra ir fazer Medicina em Recife. E (*ele*) era uma pessoa muito presa ao sertão. (*Ele*) gostava muito de canário, de caju, de avoante... Era muito generoso. Esse lado dele é muito próximo de uma referência que tenho do meu avô, sabe? E o final da vida dele que foi muito difícil também. (*Tive*) uma aproximação que foi muita intensa com ele nesses últimos anos. Então, a carta era uma homenagem a essa pessoa. Como importante tam-

bém é a minha mãe, que é uma pessoa que sempre me incentivou muito nas coisas que eu quis fazer. Por exemplo, ir para os Estados Unidos foi por causa dela. O apartamento que eu moro foi ela quem conseguiu.

André – Te emociona lembrar dessa carta?

Alexandre – (*silêncio*) Me emociona. Quem leu a carta foi um amigo meu, o Custódio (*Almeida – filósofo, Professor Doutor do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará – UFC e atual Pró-reitor de Graduação*) porque (*eu*) não tava em condições de ler. É um momento muito intenso de uma despedida. E também o momento de uma vida que foi muito difícil no final. Eu me lembro muito dele no (*filme*) *Morangos Silvestres* do Bergmann (*Ingmar Bergman, diretor sueco. Morangos Silvestres, de 1957, é considerado a obra-prima do diretor. O filme foi vencedor do Urso de Ouro no Festival de Berlim de 1958*). Ai, é um filme que eu (*suspira*) choro feito um condenado. Porque a história, não sei se vocês viram, a história é de um médico que, em um momento muito difícil, é questionado no saber, numa série de coisas. Eu vi muito a trajetória do meu pai (*no filme*).

Rafael – Alexandre, eu gostaria de saber o que chamou sua atenção para Antropologia.

Alexandre – Eu entrei muito entusiasmado nas Ciências Sociais. Primeiramente, não foi a Antropologia, não. Primeiramente, foi a Filosofia. Depois foi que o contato com o Ismael Pordeus (*antropólogo e Professor Doutor do departamento de Ciências Sociais da UFC*) foi mais intenso. Mas a princípio, até um determinado momento do curso, eu era muito dividido entre a Filosofia, especialmente, por conta das aulas do Manfredo Oliveira (*filósofo e Professor Doutor do departamento de Filosofia da UFC*). Eu era assíduo, gravava as aulas, transcrevia. E aí, depois teve um trabalho de campo que a gente fez em um terreiro. Depois do retorno desse trabalho de campo, eu me identificava mais com a Antropologia do que com a Sociologia e a Ciência Política. Mas gostando sempre das três igualmente. Eu acho que tinha nessa busca da Antropologia a busca desse outro, da alteridade.

A Antropologia é uma ciência que possibilita mais o descentramento. Eu acho que o que teve em jogo nessa eleição (*ele se refere ao fato de ter escolhido*) do curso de Ciências Sociais, nessa proposta de fazer a crítica da Ciência, da Cultura, da Ideologia etc, era realmente a idéia desse descentramento, dessa desnaturalização. Quer dizer, uma experiência mais plural, uma abertura de horizonte. Eu acho que era isso que tava em questão nesse encanto radical com as Ciências Sociais, sabe? Enquanto os sociólogos estavam mui-

to ligados à discussão das classes, relações sociais, os antropólogos estavam viajando e encontrando experiências radicalmente distintas. A “outridade” ou a alteridade. Eu imagino que seja isso. E também buscas por um horizonte mais crítico, mais reflexivo.

André – Alexandre, você parece sempre ser muito observador e muito crítico em relação ao que você enxerga no seu curso. Durante o período que você foi aluno do curso de Ciências Sociais, você trabalhava e, mesmo assim, foi considerado pelos professores e orientadores um destaque do seu próprio tempo. Tendo passado pelas fases de monitor, assistente de pesquisa, bolsista do PIBIC (*Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica*) e professor substituto, em algum momento, você se sentiu superior àquele curso?

Alexandre – Não, não. Imagina! Superior em que sentido? Superior como?

André – Arrogância...

Alexandre – (*enfático*) Ah, não! Nunca fui arrogante, não. Deus não dá asa à cobra, né? Nunca tive essas arrogâncias, não. De jeito nenhum. Se sentir superior como você diz ser arrogante em relação...

Rodolfo – ...Questão de vaidade.

Alexandre – Ah, vaidoso eu sou. Mas é sobrevivência psíquica em tempos difíceis (*risos da turma*). Tinha um prazer de estar fazendo aquele curso de Ciências Sociais. Na época, eu fui muito estimulado, trabalhei como assistente do Ismael. Era um trabalho de campo ligado ao tablóide que saiu no Universidade Aberta (*iniciativa de educação superior não-presencial, criada em 1989*) sobre Aids e o Cotidiano. (*Eu*) transcrevia fitas, fazia umas traduções de uns artigos e também trabalhava muito. Eu dava aula. Enfim, era tudo muito interessante.

Às vezes, eu me sentia um pouco discriminado. Não sei se cor é signo. Por ser louro do olho claro, então eu já era burguês por definição, entende? Às vezes, tinha essas coisas. Em nenhum momento, eu, pelo menos, não tenho essa imagem de mim como arrogante, não.

“Às vezes, eu me sentia um pouco discriminado. (...) Por ser loiro do olho claro, então eu já era burguês por definição, entende?”

Quem também falou sobre ele foi a prima Cláudia, a grande companheira de infância: “Nós éramos inseparáveis”. A equipe de produção ficou emocionada com as histórias contadas por ela.

A entrevista foi regada a bombons. Também não faltou a latinha de cocozero de Alexandre. Ele estava nervoso e comentou que, nessas horas, tinha vontade de fumar.

Alexandre parecia estar muito tenso. Se ajeitava na cadeira o tempo todo e demorava um pouco para responder algumas questões, o que deixou a equipe de produção apreensiva.

Durante a entrevista, a luz da sala se apagou e o professor Ronaldo teve de ver o que havia acontecido. Alguém que passava do lado de fora da sala desligara o registro de luz.

Nesse momento, a entrevista não parou. Não era o "escurinho" do cinema, mas todos continuaram com os olhares atentos ao que Alexandre dizia.

Ao falar dos trabalhos acadêmicos, o antropólogo se mostrou mais confiante e solto nas respostas do que quando o assunto era a sua vida pessoal

Hébely – Em relação à discriminação pelos temas. Você mesmo disse que percebia risos irônicos no canto da boca...

Alexandre – ...É, porque na Academia tem essa hierarquia dos temas, do que seria mais legítimo. Hoje em dia, é muito menos porque há uma abertura muito grande. Mas, às vezes, a Academia dispensa um certo olhar de menosprezo em relação às temáticas sobre gênero e sexualidade.

Essa foi uma reivindicação que me acompanhou durante muito tempo, que eu dei por terminada quando eu escrevi um verbete para um Dicionário de Homofobia (*"Dictionnaire de L'Homophobie"*, publicado pela Presses Universitaires de France - PUF, em 2003) na França. O verbete era Antropologia. E aí, eu interpelava a Antropologia, até que ponto seria um saber sexista, um saber que discriminaria determinadas temáticas. Fiquei muito feliz. Foi um desafio muito grande escrever esse verbete.

Mas a Academia, às vezes, elege uma hierarquia de temáticas. Então, se você trabalhou com sexualidade ou experiência travesti, transexual, transgênero, às vezes, você pode escutar alguém dizer que você virou "Doutor em baitologem". Essas coisas assim... Essas crueldades.

Rodolfo – Mas você nunca pensou em desistir por causa disso?

Alexandre – Não, não. Tem umas temáticas que dão mais financiamento do que outras. Mas eu nunca calculei nesse sentido, não. Eu fazia mesmo o que eu tava a fim. Por exemplo, a idéia da pesquisa do terreiro. Eu não fiz sobre esporte, aí fui fazer a pesquisa no terreiro, que era a experiência do corpo e da cura no Candomblé e na Umbanda. Foi um mergulho muito grande, uma "descida ao inferno" quase sem volta... (*Candomblé é uma religião afro-brasileira que cultua os orixás, trazida para o Brasil no período colonial pelos*

"(...) se você trabalhou com sexualidade ou experiência travesti, (...), às vezes, você pode escutar alguém dizer que você virou 'Doutor em baitologem'."

Toda vez que Alexandre falava no nome de Foucault, André olhava para ele com os olhos arregalados, pois nosso companheiro de turma é "fã" do filósofo.

Durante a entrevista, Alexandre dava algumas olhadelas para o caderno de Gabi, tentando ver que anotações ela fazia. Ela se contorcia para que ele não visse nada.

primeiros escravos africanos de origem iorubá, povo que ocupava a região onde hoje ficam os países Nigéria, Benin e Togo. A Umbanda é uma religião de origem brasileira, surgida a partir da combinação de elementos do Candomblé, do Catolicismo e do Espiritismo. Como o Candomblé, a Umbanda também cultua os orixás, mas essas entidades são representadas com imagens diferentes)

Caroline – O que você quer dizer com "descida ao inferno"?

Alexandre – Normalmente, a pesquisa de campo é um ritual muito importante. Ela é de muita intensidade. Se você vive essas experiências de pesquisa com seriedade, quer dizer, empenhado no desenvolvimento da pesquisa, dificilmente você não é tocado por essas experiências. Você não sai a mesma pessoa depois de um trabalho de campo.

Normalmente, uma monografia, uma dissertação, uma tese, toda pesquisa é um pouco uma "descida ao inferno". Porque são atividades muito solitárias. Você tem de ler muita coisa, fichar muita coisa, entrevistar, ir em campo. As coisas têm de funcionar, as coisas têm de dar certo. Você se envolve, vê muita coisa. Mas também "descida ao inferno" porque, digamos que nessa busca do outro, o meu mergulho foi maior do que deveria ser. Tanto que, hoje em dia, eu sou muito cuidadoso em relação ao trabalho de campo, (*faço*) uma preparação prévia. Porque meu mergulho foi muito grande.

Rodolfo – Como deveria ter sido o mergulho? Você está dizendo que foi muito maior que...

Alexandre – ...Eu teria de ter noção da distância. A experiência da distância tinha de ser mais clara pra mim nesse caso. Foi um mergulho mágico-religioso, uma experiência de descentramento muito grande. Você tem duas éticas. Quer dizer, eu fui socializado como católico e, de repente, eu estava diante de uma outra ética: a da Umbanda, do Candomblé. No catolicismo, essa distinção do bem e do mal é muito nítida, muito dicotômica. Muitas vezes, numa ética mais realista, do tempo presente, as urgências são diferentes em relação a um ethos religioso em que você vai pro céu (*referência ao catolicismo*). Você tem urgência da experiência do presente. Então, muitas vezes, o bem não é bom, e o mal pode não ser o ruim, entende?

Na época, eu também lia muito Mircea Eliade (*historiador e romancista romeno naturalizado norte-americano, 1907-1986*), que é um historiador das religiões. (Eu) tinha uma vivência muito mítica, técnicas de saída do tempo, como é que o iogue (*praticante da loga*), deixando de comer, atingia o estado alterado de consciência. Técnicas pra você

entrar em contato com o sagrado. Então, eu acho que o mundo terminou meio hierofônico: caía uma coisa, era o sagrado que estava se manifestando. Hierofania é isso, o sagrado se manifesta. Tudo virava um sinal do sagrado. Um passeio meio esquisito. Até porque nessa idéia de técnicas de saída do tempo, eu comecei a viajar mesmo nessa experiência.

Depois, eu fui pra França e, quando voltei, consegui terminar *(a monografia)*. Como diz um amigo e um colega, o Ricardo Barrocas, que é professor da Psicologia *(da UFC)* e um grande pesquisador da Psicanálise, meu supereu, aquela instância que cobra as coisas, *(uma das três instâncias do aparelho psíquico da Psicanálise de Sigmund Freud. Corresponde à repressão, à censura, que impede o indivíduo de satisfazer plenamente os instintos, e ao desejo)*, é muito rigoroso. Talvez por essa socialização do esporte, da eficácia, do rendimento. Minhas exigências com a monografia eram imensas, parecia que eu ia... Ave Maria! Uma coisa meio dramática, meio fatal.

Diana – Alexandre, e o seu orientador, vendo que você estava se envolvendo demais com esse assunto, não tomou nenhuma atitude?

Alexandre – Não, porque talvez não fosse tanto questão de orientação. Eram mais questões de cunho existencial.

André – Alexandre, você falou sobre o supereu, e Freud fala que a figura paterna tem uma responsabilidade no sentido de realidade, certo? Durante a pesquisa no terreiro de Umbanda, faltou imposição de limites? Faltou noção de limite que o seu pai teria passado pra você?

Alexandre – Uma boa pergunta. Mas não sei te responder não, sinceramente. Eu correria o risco de estar psicanalizando demais. Mas, sem dúvida, é uma experiência que tinha a ver com um enfrentamento, talvez. Até porque, veja só, a proposta da pesquisa era uma análise comparativa entre o corpo e a cura na Umbanda, especificamente, e na Medicina, na Psiquiatria. Porra, referência nítida e notória pra quem tem o nome de Alexandre Fleming, né? Então, certamente há aí umas associações que se colocam. Eu não vou falar muito pra não cair nas interpretações selvagens ou não dar muito pano para as mangas, né? *(risos)*

Lorena – Alexandre, você disse que nessa experiência da graduação faltou um pouco de distanciamento por parte do pesquisador que ali era iniciante, que ainda tava nos seus primeiros passos. E depois no Mestrado, quando você...

Alexandre –... No Mestrado, foi tranquilo, porque tinha a experiência do cinema, da imagem que eu acho muito legal. Uma



espécie de cartografia das salas de cinema da cidade. Apesar de não ser uma realidade tranqüila, existiam coisas muito engraçadas. Mas como eu trabalhei com a experiência da prostituição, o cinema tinha também muito sofrimento daquelas pessoas.

Gabriela – Alexandre, você fala na sua dissertação de Mestrado, que, quando você chegou no Cine Jangada *(cinema pornô localizado no Centro de Fortaleza, fundado em 1950 e extinto em 1996)*, teve dificuldades porque aquele era um espaço que muitos buscavam o anonimato. Fala um pouco dessas dificuldades pra gente.

Alexandre – Na verdade, quando eu entrei no Mestrado, eu tinha feito um trabalho na Delegacia da Mulher. Eu era assistente de pesquisa da professora Peregrina Capelo *(socióloga e Professora Doutora do Departamento de Ciências Sociais da UFC)*, que é uma pessoa que eu quero muito bem. Na época, também tava se discutindo muito a construção da identidade masculina. E eu tava mudando de área, sabia que não ia dar continuidade às pesquisas no campo religioso. E no próprio Candomblé, na Umbanda, muitas coisas ligadas à experiência da sexualidade tinham me chamado a atenção. Por exemplo, astrocas de gênero: o cara é do sexo masculino e recebe uma entidade feminina e vice-versa. Ou então, determinadas divindades que são metá-metá, como Oxumarê, Ologunede, se não me engano *(Oxumarê é um dos orixás do Candomblé. Na religião, se divide em duas qualidades: Oxumarê macho, representado pelo arco-íris, e Oxumarê fêmea, representado pela Serpente. O orixá Ologunede muitos afirmam que vive seis meses como homem, igual ao seu pai Odé, e, nos outros seis meses, transforma-se numa mulher, como sua mãe Oxun)*. Esse aspecto também tinha me chamado atenção. Eu tava trabalhando nessa pesquisa *(na Delegacia da Mulher)* coordenada nacionalmente pela professora Heleieth Saffioti *(Socióloga e Professora Doutora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Referência na pesquisa sobre o feminismo brasileiro)* que era sobre violência doméstica.

Gabi foi a mais incisiva ao dizer que devíamos ter cuidado com o modo de se referir a Alexandre, jamais o chamando de "tu". Na entrevista, estava tão nervosa que só conseguiu chamá-lo com esse pronome.

Já Rodolfo, não se decidia: usou o "tu", o "você", o "professor" e o "senhor", o que deve ter causado uma crise de identidade em Alexandre.

Durante a entrevista, vários objetos caíram no chão. Hébelly, desastrada assumida, derrubou uma das fitas que utilizava na gravação, causando um barulho que desconcentrou parte da turma.

Alexandre demonstra muito orgulho ao falar que mora na rua que leva o nome do avô materno, Plínio Câmara. Ele não o conheceu pessoalmente, só através das narrativas da mãe.

Alexandre confessou ter um carinho especial pelo curso de Comunicação Social da UFC. Ele já ministrou uma disciplina na Especialização daquele departamento.

Em 1997, apresenta a dissertação "Cenas de um Público Implícito: Territorialidades Marginais e Prostituição Travesti no Cine Jangada", obtendo menção com louvor da banca examinadora.



Eu entrei no Mestrado com uma discussão sobre construção da identidade masculina e violência. Só que eu já tava indo muito para delegacia, fazendo muita coleta de boletim de ocorrência, eu achava que poderia aproveitar esse material. Mas aí, como a discussão era em relação à construção do masculino e à forma como a violência era materializada e, sobretudo, representada pelos homens, eu comecei a achar muito (*no sentido de demais*) para quem já tinha saído de um trabalho "pesado", de contornos difíceis. Eu tava achando muito "barra pesada" porque eu teria de passar os finais de semana na delegacia, esperando que tivesse porrada para o cara ser preso. Final de semana é onde tem mais violência por causa do álcool, né? Então, eu teria de ficar na delegacia mais tempo nos finais de semana. Eu entrei no Mestrado, mas logo que entrei eu disse: "Será que eu vou levar adiante essa pesquisa?". Você vai avaliando assim... "Porra, delegacia é tão..."

Já tinha feito a pesquisa sobre HIV/Aids na Fundação Demócrito Rocha (*Instituição de desenvolvimento de pesquisas e ações para a difusão da cultura e do conhecimento no Nordeste*). Tinha relatos super "barra pesada". Por exemplo, da mãe que teve três filhos infectados em um laboratório de Fortaleza. O cara tinha dado a entrevista, ia sair no jornal. Depois o cara ligou, dizendo que não permitia que fosse publicado. E o laboratório acabou isento. Não sei se posso dizer isso, mas não estou citando nomes. Depois disso (*teve*) o terreiro, depois a delegacia, a violência. Aí eu disse: "Não, não vou não".

Aí teve uma amiga que me convidou para ir ao Centro. Era final de semana. "Vamos entrar. Vamos entrar". Eu nunca tinha entrado no Jangada. Não é teatro, não, mas eu nunca tinha entrado. Eu achei aquilo muito surreal, porque atrás tinha um cara se masturbando. Daqui a pouco, passa uma travesti com uma canga na cabeça e ela baixa essa canga do lado da tela. E na tela, tem só filme heterossexual, mas só tinha homem na platéia. Aí ela baixa aquela canga (*faz os movimentos com os braços*) e fica fazendo ginástica. Eu disse: "Menina, olha que coisa mais doida. Valha,

como esse cinema é maluco". Maluco, no bom sentido, como (*o cinema*) é interessante... Eu saí de lá dizendo: "Eu acho que vou fazer minha pesquisa aqui". Eu resolvi fazer. Não mudava muito porque a pornografia para alguns autores pode ser lida como violência, como transformação do corpo feminino em objeto ou mercantilização do corpo. Você pode ter uma leitura assim da pornografia.

Gabriela – Mas como foi a aproximação com as pessoas que freqüentavam o Cine Jangada?

Alexandre – O cinema era de "pegação", onde rolava muita coisa. Então, você sentar e dizer: "E aí, o que tá achando do filme?". Esquisito como uma aproximação, né? Não fazia sentido. Você se sente meio idiota, porque tudo que é pedido é ver e tocar e, não, falar. Estou dizendo nos casos onde há, especificamente, encontros homodirecionados. Já tinha me apresentado pra gerência, tomando minhas garantias em relação ao grupo (*das travestis*). Como eu ia passar muito tempo, eu tinha de me apresentar logo. Mas eu disse: "Porra, essa pesquisa não vai dar certo. Como é que se vai abordar as pessoas?".

As travestis estavam muito à vontade no cinema. Uma experiência para quem o dia não é muito propício, por causa da transfobia, como eles chamam hoje. Então, elas estavam muito à vontade. Havia um pátio lá atrás. Esse pátio era um lugar onde se falava muito. Elas não tinham nenhuma reivindicação de anonimato lá dentro. Porque, normalmente, o cinema funcionava nesse limbo da indefinição, nesse limbo identitário. No cinema, você (*também*) tinha a experiência do anonimato, porque nem todo mundo tava ali para fazer pegação. Tinha uma certa cartografia dos espaços, das primeiras cadeiras, das últimas cadeiras...

Era legal também pensar que outras coisas estavam acontecendo na cidade. O aparecimento de cinevídeos, o fechamento do (*Cine*) Diogo, o (*Cine*) Fortaleza depois fecharia... (*irônico*) Mas em todo caso na época, se falava no processo de revitalização do Centro da cidade, e os cinemas tudo caindo, quebrando. E o (*Cine*) São Luiz um "elefante branco", porque era do (*Grupo*) Severiano Ribeiro. E o "quintal" era o que funcionava bem. Era o Pornô Jangada. Enquanto, o (*Cine*) São Luiz tinha pouquíssima gente, o (*Cine*) Jangada tinha muita mais gente. (*Cine Diogo – cinema localizado no Centro de Fortaleza. Fundado em 1940 fechou suas portas também em 1996, dando origem ao hoje Shopping Diogo. Cine Fortaleza - extinto, era localizado na Rua Major Facundo. Antes era conhecido como Cine Samburá. Cine São Luiz - um dos mais importantes cinemas da história do Ceará.*)

A equipe de produção se surpreendeu ao descobrir que Alexandre tinha sido sócio de um bar, que se chamava Maestra e tinha uma proposta socialista.

Por defenderem essa proposta, tudo era vendido a preços baixos. Alexandre disse que o bar "não deu nenhum 'puto' de dinheiro" e logo teve de ser fechado. Mas o prejuízo...

Localizado na Praça do Ferreira, o Cine São Luiz foi uma idealização do empresário Luiz Severiano Ribeiro tendo sido inaugurado em 1958 após demorar 20 anos para ser construído. Grupo Severiano Ribeiro - surgiu em 1917, com a inauguração do Cine Majestic em Fortaleza. Hoje, o grupo fundado por Luiz Severiano Ribeiro é detentor de 200 salas de exibição de cinema espalhadas por todo país).

André – Alexandre, você falou um pouco do pátio. E foi no pátio que você teve, de acordo com a sua dissertação, um contato maior com personagens como a Kelma, a Cássia, a Tatiana (*travestis entrevistadas por Alexandre durante a pesquisa de campo realizada no Cine Jangada*)...

Alexandre – ...É. Um pessoal superlegal. Eu passei a ir por mais de um ano. Eu fui muito ajudado pelo professor Ary Leite (*professor, historiador, e pesquisador na área de cinema e história de Fortaleza*) em relação a toda uma parte historiográfica do trabalho, sobre o "escurinho" das salas de cinema. A abordagem mais sincrônica, do presente, dos rituais, de uma etnografia das salas de exibição foi realmente possibilitada por essas pessoas com quem eu convivi e dialoguei bastante.

André – Como era esse relacionamento do Alexandre lá no pátio com essas personagens tão vivas?

Alexandre – Ah! Era tranquilo. Tranquilo em termos, né? No começo, esquisito. A Antropologia é o tipo de conhecimento que só se faz a partir da empatia, é necessário que haja empatia. Você não é obrigado a amar todo mundo, mas que você tenha uma relação afável com as pessoas. Você está sempre ali no pátio. Você insiste tanto que, daqui a pouco, se torna familiar. E é o campo que vai, de certa forma, garantir determinadas validações em relação ao que é dito numa entrevista. Porque naquele cotidiano, a pessoa, às vezes, se contradiz. Disse uma coisa na entrevista, se tiver sido uma entrevista episódica, que aconteceu e que você nunca mais voltou, não tem como colher determinadas ambivalências, ambigüidades.

Minha presença foi muito intensa ali dentro mesmo. E depois, ir nas casas, sair pra rua, passear, sentar pra comer sanduíche, ir nos apartamentos do centro... Todo um envolvimento que ficou ao longo desse trabalho. E também teve um lado muito interessante porque, quando eu fiz um ano de campo no Jangada, ele fecha. Aí você tem todo um processo de reordenação da geografia social das salas de cinema de Fortaleza. É o processo que vai acontecendo com o aparecimento dos shoppings. O centro da cidade vai ficando cada vez mais associado à violência. O auge das grandes salas já tinham

passado há bastante tempo. Todas elas viram "elefantes brancos". Aí, vai ter também o aparecimento de outra maneira de veicular esses filmes, que vai ser o cinevídeo. Não mais a película, mas o vídeo. Há a possibilidade de vários filmes diferentes. Vão ter pequenas cabines que vão servir como motel.

Só que nessa pesquisa eu achei que fiquei devendo uma abordagem política, no sentido das associações, do tratamento da questão identitária, das mobilizações em torno da luta em relação ao HIV/ AIDS, a discussão da diversidade. Na época do cinema, realmente eu não fui muito nas associações não, entende? Depois achei que deveria ter pensado também no campo da política do sexual. Acho que foi uma experiência muito rica, principalmente associando isso com o processo migratório no Doutorado.

André – Quando as travestis saíam do Jangada, elas se desproduziam. Então elas não entravam e saíam do cinema produzidas como se via lá dentro...

Alexandre – Tinha casos de travestis nos seus rituais: pessoas que iam pra se montar mesmo, pra "dar close" (*no sentido de chamar atenção*), como elas diziam, e andar pelo cinema. Nem sempre isso era associado ao trabalho sexual, mas com as pessoas com quem eu convivia de forma mais intensa era realmente trabalho sexual. Muitas vezes, o vestido tinha de ser o mesmo porque os clientes já conheciam, tinham de estar, mais ou menos, com a mesma roupa. E as condições de existência eram muito precárias.

Hébely – Eu quero saber um pouco das experiências que você teve. Você fala que chegava a visitar a casa das travestis. Até que ponto você foi junto a essas personagens?

Alexandre – Eu tenho até hoje pessoas muito legais que ficaram, realmente, amigas. Na França, também. E eu só não fui pra cama, entende? (*risos da turma*). Por exemplo, em Paris, a Estela (*nome fictício*) é uma trans que já mora em Paris há muito tempo. A gente ficou muito amigo, como também a Cláudia (*transgênero brasileira que morava em Paris*), que trabalhava numa associação lá na França. Aqui mesmo, a Tina (*Tina Rodrigues, travesti e atual presidente da ATRAC, Associação*



Em 2000, ele publica a dissertação de mestrado pela editora Annablume sob o título "No Escurinho do Cinema: Cenas de um Público Implícito".

Alexandre apresenta a tese de Doutorado, em 2005, com o título "O Vão da Beleza: Travestilidade e Devir Minoritário".

Alexandre levou o vôlei a sério. Começou a jogar na Escolinha do Colégio Cearense, passando pelos clubes Náutico e BNB, até chegar à Seleção Cearense.

Depois da entrevista, a turma tirou uma fotografia com Alexandre. A melhor pose ficou para o professor Ronaldo: de sereia, entre o colo de dois alunos e de Alexandre.

No final, Alexandre desabafou: "Foi tranqüila" e perguntou o que tínhamos achado. Ele continuou contando histórias sobre suas experiências nos trabalhos de campo.

Após a entrevista, a maioria da turma seguiu para o bar Pitombeira. Ronaldo, que não costuma comentar nada sobre as entrevistas, soltou essa: "Ô homem bonito. Parece um deus grego".

dos Travestis do Ceará), logo depois que a Janaina (*Janaina Dutra, travesti fundadora da ATRAC*) morreu (*em 2004*), ela foi na minha casa várias vezes pra redigir umas coisas. Não tem muita fantasmagoria não, você fica amigo e pronto, apesar das diferenças. Não tem problema nenhum.

No caso da Estela, lá na França, quando eu ia visitá-la pra falar do trabalho, da pesquisa, do campo, a visita tinha que ser muito rápida porque era de dia. Uma vez eu fui pra casa dela, tava contando como é que estavam as coisas. Aí tocou um cliente. Eu disse: "Vixe, Estela, vou ter de ir". E ela: "Não, não. Espera, que é rapidinho". E eu: "Mas como é que vai ser?". E ela: "Não, tu fica aqui no quarto que eu vou atender rapidinho e depois tu sai". Porque tinha dois quartos. Eu fui, fiquei redigindo lá. Achei ótimo porque era pesquisador, né? Depois, ela termina de atender, sai do banho e voltamos a tomar nosso café. Começamos a conversar de novo, daqui há pouco chegava outro cliente. Eu disse: "Não, Estela, agora..." E ela pediu pra eu esperar. E eu fui de novo (*pro quarto*). Nesse dia eu fiquei indo não sei quantas vezes pra esse quarto.

Também tinha um prédio que eu pesquisava lá na França em que só morava travesti e transexual brasileiro e taitiano. Então, tinha muito a história de tomar um café com uma e outra, de falar do Brasil, falar das experiências... Chegava um cliente, eu descia e ficava lá embaixo. Daqui a pouco, uma parava de atender: "Alexandre, vem tomar um café". Eu ia, subia e ficava conversando, gravava trechos de entrevista, ia arrumando as entrevistas pra depois retomar as questões. Eu passei muito tempo nesse prédio que ficava na periferia de Paris, Porte de Clingnartcourt. Lá tinha histórias hilárias. Tinha o estilista que era brasileiro, o maquiador, o taxista, o fornecedor de haxixe, as pessoas que faziam as compras, gente que fazia a limpeza. Então, lá possuía uma rede de migração. Uma experiência de um Brasil da margem da margem....Brasileiros que estavam vivendo no estrangeiro, transgêneros, negras, algumas soropositivas, algumas usuárias de drogas. Uma experiência densa mesma, viu?

Bruno – Alexandre, em meio aos travestis na França, você teve alguma experiência emocional tão impactante quanto a que você viveu nos terreiros de Umbanda aqui?

Alexandre – Lá, eu estava mais amadurecido. Aqui, foi da área da surpresa, do inusitado, daquela pessoa muito racional que, de repente, deu um "apagão". Essa não é uma palavra muito boa... Mas que, de repente, perdeu o fio da realidade. Foi uma experiência muito rica, muito densa, que eu espero mais

adiante conseguir escrever sobre isso, como um antropólogo bem experiente. Agora não seria uma escrita legal ainda.

Foram experiências com intensidades diferentes, de muita coragem, mas, ao mesmo tempo, de muito sofrimento. Eu saía quase toda noite num ônibus da associação que circulava todo o Bois de Boulogne, que é a zona do trabalho sexual, e voltava normalmente 3 horas (*da madrugada*). Era um lugar de saturação sexual muito grande e que você ia parando de ponto em ponto, distribuindo camisinha, café, chocolate quente. E você chegava em casa muito (*suspiro de cansaço*)... Completamente "chupado" de cansaço pela densidade da experiência. Tanto que a finalização da tese foi muito difícil, foi muito dura. Eu tive que finalizar essa tese, que eu não publiquei ainda porque eu quero mexer muito, finalizar essa tese, assumir a bolsa do CDI/ Prodoc (*Programa de Apoio a Projetos Institucionais com a Participação de Recém-doutores coordenado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES*) que era pela UFC, me desvincular de Sobral (*município localizado na Região Norte do Ceará, a 239 km de Fortaleza*), que não foi nenhum sacrifício.

Depois, teve o concurso pra professor adjunto. Se eu não tivesse passado eu teria "chutado a lata" e ia fazer outra coisa da minha vida. Porque a minha trajetória foi toda aqui na UFC. Tenho muito carinho por essa universidade, um amor muito grande, me identificando muito com os professores, com a pós-graduação. Eu acho que realmente eu teria seguido outro rumo, teria ido fazer outra coisa.

Caroline – Alexandre, nesse trabalho de Doutorado, você deve ter visto e ouvido muita coisa que te tocou não só como pesquisador, mas como ser humano. Você pode contar pra gente alguma experiência em que você se questionou: "Meu Deus, o que é que eu estou fazendo aqui?"

Alexandre – Ah, é muito difícil até falar, sabe? Porque você corre o risco de exotizar essas pessoas. Esse é o lugar do antropólogo que se pergunta sobre a maneira que você representa os outros. Se eu cair nessa de narrativas do chocante ou do pitoresco, eu posso estar exotizando essas pessoas. Mas, certamente, que houve momentos extremamente difíceis, extremamente densos. Narrativas, principalmente, de pessoas que tinham feito a readequação sexual, relatos da migração, da família, da experiência de pessoas que foram colocadas no registro do abjeto. Eu tava mais interessado em discutir a crítica sexual, questionando muito essa experiência da representação do etnógrafo, do antropólogo...

A entrevista mobilizou até as "meninas" da coordenação, que estavam ansiosas para ver e conferir a beleza de Alexandre antes de ser entrevistado.

Caroline – ...Eu quis dizer no sentido de alguma experiência chocante que você tenha vivido...

Alexandre – Não, eu entendi. Eu é que não quis narrar os choques. Eu acho que só vai investir na galeria dos exotismos. Mas houve, sim. Houve situações extremas, situações impensadas. Difícil de você saber que em uma festa teve uma briga e “a outra” cortou a mão e saiu chiringando sangue pra todo mundo dizendo: “Ah, eu sou soropositiva”. E aí saiu todo mundo correndo no prédio. Em outro caso, uma empurrou a outra do segundo andar e ela caiu em uma tela de amianto que tinha na entrada do prédio, se furou e ficou presa. Ao mesmo tempo em que tinha um certo humor meio “barra pesada”: “Ah, a bicha foi empurrada e ficou com a bunda presa no amianto”. Ao mesmo tempo que pode ser muito engraçado, pelo menos no momento em que se contam as coisas, as experiências estavam no limite mesmo.

Caroline – Como é que nesse momento ficava o Alexandre antropólogo e o Alexandre ser humano, que fica se perguntando como é que aquela situação ocorre, como é que tem gente que se submete a uma situação tão difícil?

Alexandre – É, mas essa distinção não se faz tanto. No momento do campo, você faz algum distanciamento. Mas nesse momento, não, você é solidário, você escuta, enfim, sem colocar muito o outro em um lugar tão distante de você. Aquilo que poderia se tornar estranho se torna familiar. Você lida com isso sem colocar a mão no seu colar de pérolas do professor universitário, intelectual, usando uma metáfora.

Diana – Em algum momento você pensou em desistir por conta de alguma situação?

Alexandre – Eu não queria mais fazer campo, não. Quando eu saí pra fazer o Doutorado, eu tava trabalhando com a professora Júlia Miranda (*professora Pós-Doutora titular do Departamento de Comunicação Social da UFC*) e era uma discussão sobre recepção e apropriação de imagens, produtos culturais. Eu já tinha feito uma oficina no GRAB (*Grupo de Resistência Asa Branca, entidade cearense fundada em março de 89, que atua na defesa dos direitos de gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais*) com os filmes do Almodóvar (*Pedro Almodóvar Caballero, cineasta espanhol nascido em 1951, que aborda em sua filmografia temáticas como a homossexualidade e a transexualidade*) e pensava em trabalhar com essa representação do masculino e do feminino nesse lugar central da travesti nos filmes dele. Do efeito paródia que essa figuração possibilitou ao Almodóvar realizar.

Quando eu cheguei lá (*França*), a Maria Elizabeth Handman, que era professora do Laboratório de Antropologia Social e minha orientadora lá, disse: “Mas como é que você vai deixar de fazer um campo aqui em Paris se você tem uma experiência tão pulsante?”. Hoje eu agradeço. Acho que foi muito interessante. Não sei se tinha algum preconceito em relação ao Almodóvar, muitas feministas de 1ª geração... Não digo que ela fosse de 1ª geração, mas de qualquer jeito em determinado momento ela disse que talvez a tese ficasse muito estetizante. Ainda mais quando você lida com um campo onde há tanta precariedade, dificuldade. Com situações ilegais. Eu gostei muito de ter feito esse campo, mas foi muito difícil pra fechar essa tese, foi um “Deus nos acuda”. Eu fumava muito nessa época, “fumava feito uma caipora”. Eu estou há cinco meses sem fumar. Parei.

Gabriela – Você fala, em seu memorial, que o Doutorado te permitiu possibilidades comparativas entre o contexto fortalezense e o parisiense sobre a realidade das travestis e transgêneros. O que mais te marcou nessa comparação?

Alexandre – É, mas acabei não desenvolvendo tanto (a comparação). Mas a especificidade comparativa é que lá você tem o contexto migratório, a expectativa de reconstrução dos laços. No prédio (*na periferia da França*), tinha momentos de solidariedade, mas de muita adversidades também, sabe? Muito mais dificuldade e adversidade que propriamente reconstrução de laços, que são mais difíceis na experiência transgênero, na experiência da homossexualidade. Os laços são mais difíceis...

Hébely – Por quê? Há muita competitividade?

Alexandre – Não, é porque aos gays, lésbicas e travestis, não foi possibilitada muito a corte amorosa. Há a idéia (*no sentido de questão*) da visibilidade. É uma experiência

“Aquilo que poderia se tornar estranho se torna familiar. Você lida com isso sem colocar a mão no seu colar de pérolas do intelectual...”

Após a entrevista, Hé-bely insistiu, mais uma vez, para Alexandre falar algo em Francês, para mostrar ao restante da turma a bela pronúncia.

Durante a avaliação da entrevista, a turma elogiou Rodolfo por ele não ter gaguejado como de costume. Ele ficou tímido, mas agradeceu, orgulhoso.

Gabi, conhecida como “a chorona” da turma, surpreendentemente não derramou nenhuma lágrima em toda a produção da entrevista.

As meninas comprometidas da equipe de produção por pouco não perderam os namorados. Os "excelentíssimos" reclamavam que só se falava "nesse tal de Alexandre".

Durante um dos encontros para a edição da entrevista, Julianna não parava de "dar pitaco", abalando a "harmonia" da equipe de produção, já debilitada.

que, às vezes, é encaminhada a uma "guetização", a uma certa penitência por um sentimento de culpa: transgredir, transgredir, transgredir. Então, são laços mais difíceis. Mas eu acho que laços são difíceis em todas as experiências. Foucault tem uma frase muito interessante, em que ele diz que "todos nós vivemos, uns mais, outros menos, em estado de miséria sexual". Então, eu entendo essa miséria, partindo de Foucault, como os efeitos de miséria dos saberes positivos, dessas patologizações, medicalizações da vida, classificações identitárias que também têm efeito de miséria, apesar de ter ganhos políticos.

Bruno – Alexandre, você falou agora há pouco sobre o feminismo de 1ª geração. Em 2005, no 1º Encontro de Ciências Sociais do Estado do Ceará, você apresentou o trabalho "A Interpelação Transgênero: Somos todos travestis?", que seria, na sua opinião, uma provocação a algumas feministas fundamentalistas. O que é esse feminismo fundamentalista?

Alexandre – Por exemplo: vagina é igual a feminilidade, pênis é igual a masculinidade. No sentido de pensar a partir de binarismos a condição feminina. Não é que eu tenha críticas, acho que não. Acho que o feminismo é uma das maiores revoluções do século passado e deste, no sentido da interpelação que foi feita ao masculinismo, a uma sociedade androcêntrica. Se não fosse o feminismo, muita coisa não teria modificado. Eu acho isso muito importante, fundamental.

Mas, hoje, há uma reflexão que eu só pude trazer à tona porque eu tava falando com teóricas pós-feministas. Eu penso aqui, especificamente, na Judith Butler, na Marie-Helene Bourcier, na Beatriz Preciado, na Donna Haraway (*teóricas pós-feministas que se opõem ao feminismo tradicional, fazendo uma crítica à forma binária de se pensar os gêneros*). São teóricas pós-feministas que já não se prendem tanto. Vou dar um exemplo bem claro: três anos atrás, eu fui pra França de novo e reencontrei o pessoal. Tava tendo a "Semana da Mulher" e as travestis tavam querendo fazer um espetáculo. Essa minha amiga, a que eu sempre ficava no apartamento dela, é quase um modelo Roberta Close (*nome artístico de Roberta Gambine Moreira, atriz e uma das mais famosas transexuais brasileiras*) de beleza, de exuberância. E elas foram proibidas de fazer (*o espetáculo*), porque a leitura dessas feministas era que a experiência travesti é uma usurpação da condição feminina, é mais uma estratégia masculinista pra manter a dominação masculina.

Uma pós-feminista não pensaria desse jeito. Ela ia achar a performance interessante, não colocaria nesse registro masculinista. E a idéia do "somos todos travestis" nessa

pesquisa é a idéia das máscaras, da experiência social. A gente tá sempre lançando mão de personas, de papéis sociais. Esse feminismo (*fundamentalista*) ficou um pouco preso... Apesar de toda a experiência construtivista da qual Foucault vai ser o pai. Mas aí você tem uma discussão sobre novos lugares da política sexual, em que não haveria tanta resistência em relação à experiência transgênero, por exemplo.

Eu acho que tem uma reflexão interessante do Baudrillard, que diz: "Somos todos transexuais". Pra ele, só o travesti pode ser a mulher ideal porque, como o desejo dela é, como é... (*Alexandre fica tentando lembrar*). Só o travesti é a mulher ideal porque, como o desejo dele é masculino, ele sente o desejo de outro homem. Eu diria que é perigoso porque poderia se pensar também que, nesse caso, só a mulher pode ser o homem ideal, porque, como o desejo dela é feminino, ela conhece o desejo de outra mulher.

Enfim, o que as travestis colocam pra gente é que sexo não é da ordem da natureza, mas que é construção. Masculino e feminino, de certa forma, são relativamente independentes dessa base fisiológica. A experiência do mundo é também da ordem da performance. Então, eu acho interessante essa fala (*do Baudrillard*), mas tem de se pensar no oposto também, pensar que travesti também não é monopólio das pessoas que nasceram com o sexo masculino.

Rodolfo – Quando você volta de Paris para terminar o Doutorado, você logo vai morar em Sobral. Como foi essa conexão Paris/Sobral?

Alexandre – Sobral foi muito interessante. Não tenho do que me queixar da Universidade (*se referindo à Universidade Estadual Vale do Acaraú, UVA*) porque me receberam muito bem. Foram muito legais em relação à liberação (*para fazer o Doutorado na França*).

E eu gostava muito de dar aula. Sempre gostei de dar aula, mas a experiência em Sobral, fora a sala de aula, não era uma experiência que me encantasse, não. Porque a estrada era muito "barra pesada". Você tinha de manter dois apartamentos, ficando indo e vindo...

E era interessante, em Sobral, porque você tinha alunos de toda a região Norte (*do Ceará*), que às vezes pegavam ônibus pra assistir aula, passavam uma hora e meia pra chegar... Esse interesse dava uma motivação muito grande. Isso era uma coisa que me mantinha lá, me segurava.

Eu trabalhava muito com o pessoal da Enfermagem e tinha os trabalhos de campo ligados à Saúde na cidade. Eu me dedicava ao trabalho lá. No começo, eu me instalei, acho que cheguei a morar mais de quatro anos lá.

Após a entrevista, a equipe de produção enviou um e-mail para Alexandre, dizendo estar com saudades. Ele respondeu dizendo que a recíproca era verdadeira.

Tinha um quarto com ar-condicionado, eu passava o dia no quarto e dava aula à noite. Lógico que, profissionalmente, foi uma experiência muito rica, muito importante.

Quando eu voltei de Paris pra lá, eu tinha de pagar o tempo que eu fui liberado: voltar a dar aula e, ao mesmo tempo, terminar a tese. Foi mais difícil porque eu tava terminando a tese, tava com salário de professor do Estado... Mas, em todo caso, era muito mais (*difficil*) porque eu tava terminando a tese, indo e vindo de ônibus. Lá eu já não tinha mais local, estava dividindo um apartamento com uma amiga e aí ficou difícil...

Rodolfo – (*irônico*) E mudou, né, Alexandre? Paris, uma metrópole...

Alexandre – Mas lá (em *Sobral*) não tem o Arco do Triunfo (*irônico*) (*Situado no Boulevard Pedro II, hoje Av. Dr. Guarany, o Arco de Nossa Senhora de Fátima ou Arco do Triunfo, como é conhecido, é um dos monumentos que mais caracterizam a cidade*)? (*risos*) Mas, enfim... (*O problema*) era mais o deslocamento. Pela Universidade, não. Era legal...

Gabriela – Você também demonstra muito entusiasmo e dedicação como professor. Quando o Alexandre entra na sala de aula, o que pensa em deixar para os alunos?

Alexandre – Eu penso numa experiência formativa, numa experiência do sentido da *bildung* (*conceito utilizado para falar no grau de formação de um indivíduo, um povo, uma língua, uma arte*) da tradição alemã, que chega na Antropologia pela via do Franz Boas (*filósofo alemão, nascido em 1858, considerado um dos fundadores da Antropologia Moderna*). Uma experiência formativa no sentido de pessoas que têm suspeitas em relação à vida, às coisas prontas.

Além dessas pessoas que eu já falei ao longo do nosso papo, tem uma pessoa também muito importante nessa minha trajetória, que foi um professor da Filosofia (*da Universidade Estadual do Ceará, Doutor em Filosofia*), Expedito Passos, que me possibilitou um direcionamento de uma vida acadêmica e de uma sala de aula comprometida. Então, quando eu penso em sala de aula, penso nessa idéia de uma experiência formativa, no sentido de oferecer subsídios pra refletir sobre aquilo que, às vezes, vem em uns pacotes prontos dos quais a gente não suspeita.

Rodolfo – Você seria um semeador de suspeitas nos alunos?

Alexandre – Eu gosto muito da idéia da suspeita. Da idéia do descentrar, do desnaturalizar. Eu acho que isso é próprio da Antropologia. Essa crítica ao etnocentrismo, aos imperativos categóricos, ao egocentrismo. A idéia de que eu posso universalizar a minha maneira de pensar pra pensar o outro. Quer

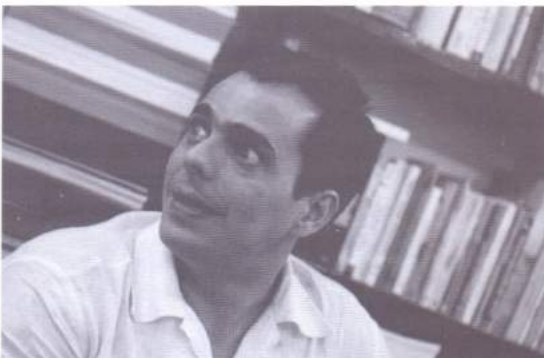
dizer, tentar entender o outro na sua lógica própria, em um horizonte que se abre pro diálogo. Isso eu acho muito salutar, eu acho que é uma prática política.

No semestre retrasado (*2006.2*), teve um exemplo muito interessante em uma disciplina. A gente tava discutindo a questão indígena e uma aluna disse: "Ai, eu tenho horror a negócio de índio". E não baixou um pedagogo do politicamente correto, não, sabe? Foi o silêncio que... Porque a prática do silêncio na Psicanálise é muito tática. O silêncio existe pra que você consiga escutar você mesmo. Então, eu silencieei. E depois, o contato continuou, as aulas continuaram, a discussão foi tomando outros contornos e essa pessoa pediu pra refazer o trabalho (*sobre a questão indígena*). Quando ela me entregou, ela disse: "Nossa, como eu era nazista". E me entregou um outro trabalho. Eu achei muito legal porque passou por uma pedagogia do silêncio. Não baixou o "tio" pedagogo do politicamente correto. Silencieei, não me choquei. E eu acho que foi muito mais eficaz do que uma prática que fosse discriminatória. Quer dizer, eu acho que isso aí é muito bom, é o que mantém a experiência da sala de aula. E também a vontade de dar conta das coisas, de preparar as aulas...

Hébely – Você parece que ainda tem muita disposição. A carreira parece que ainda vai dar muitos frutos e o que chamou minha atenção é que você disse que, se não tivesse passado no concurso da UFC, teria "chutado a lata". Sendo uma pessoa com um talento tão grande pras Ciências Sociais, você se imagina fazendo outra coisa?

Alexandre – Eu tava muito cansado, sabe? Não, eu não me imagino fazendo outra coisa, mas é que, às vezes, o meu inconsciente é um pouco trágico. (*risos da turma*) Mas foi tão difícil essa história desse concurso e eu não me via muito (*como professor*)...

Tentei (*trabalhar*) uma vez em um antiquário pra não ser "puta" da Academia, pra ter uma renda legal, mas não deu certo. Mas eu não me vejo fazendo outra coisa, não. Talvez eu digo "chutar a lata" (*no sentido de*) ir pra outra área, trabalhar só com cinema e tal... En-



No dia da preparação da pauta da entrevista, Lorena e Gabi foram para a casa de Hébelly. Lorena desceu muito depois da parada de ônibus indicada e acabou se perdendo.

A culpa foi de Hébelly, que errou o nome do ponto de referência. Mas a raiva de Lorena passou na hora do almoço, com um belo prato de macarrão com camarão.

No último dia da edição, as meninas já estavam sem fôlego. O que salvou foi o bolo de chocolate da mãe de Gabi, que produziu altas doses de serotonina na equipe.

Alexandre foi professor por nove anos da Universidade Estadual do Vale do Acaraú, a UVA, que fica em Sobral.

No final da entrevista, André aproveitou a oportunidade para falar com o entrevistado sobre o tema da monografia dele e convidar Alexandre para ser seu futuro orientador.

fim, mudar. O concurso foi muito difícil e era muito importante pra mim. E eu sou muito feliz por ter dado certo. Achei muito merecido, modéstia às favas, nesse ponto.

Gabriela – Alexandre, você disse pra gente na pré-entrevista que, quando entrou no curso de Ciências Sociais, começou a analisar a sua trajetória com uma certa criticidade. E agora Doutor, com uma carreira mais amadurecida, como você se define hoje?

Alexandre – Eu me defino como uma pessoa muito comprometida com essa idéia de uma experiência formativa. *(pausa)* Muito mobilizada pela minha prática, por essas trocas da sala de aula. O que eu ganhei com esse concurso, além das possibilidades de contribuir com a Universidade Federal do Ceará, foi também não ter jogado essa trajetória na “lata do lixo”. Então, eu acho que é um momento muito privilegiado da minha trajetória. Eu acho que é um momento muito interessante.

(Alexandre lê uma carta que trouxe para a entrevista, contando os principais pontos da sua vida e agradecendo ao Curso de Comunicação Social, à turma e ao professor Ronaldo Salgado. Em alguns momentos da entrevista, ele quis ler a carta, mas a equipe o convenceu a deixar a leitura para o final da entrevista)

Gabriela – Alexandre, a gente agradece pela entrevista...*(aplausos)*

Durante a entrevista, Alexandre deixou implícitos alguns offs. A equipe de produção logo perguntou se ele não queria que fossem publicados. Ele confirmou, para a tristeza dos entrevistadores.

Lorena, uma das meninas mais calmas da turma, se estressou bastante durante a edição. Em vários momentos, a vimos respirando fundo e contando de um a dez para não perder o controle.

